

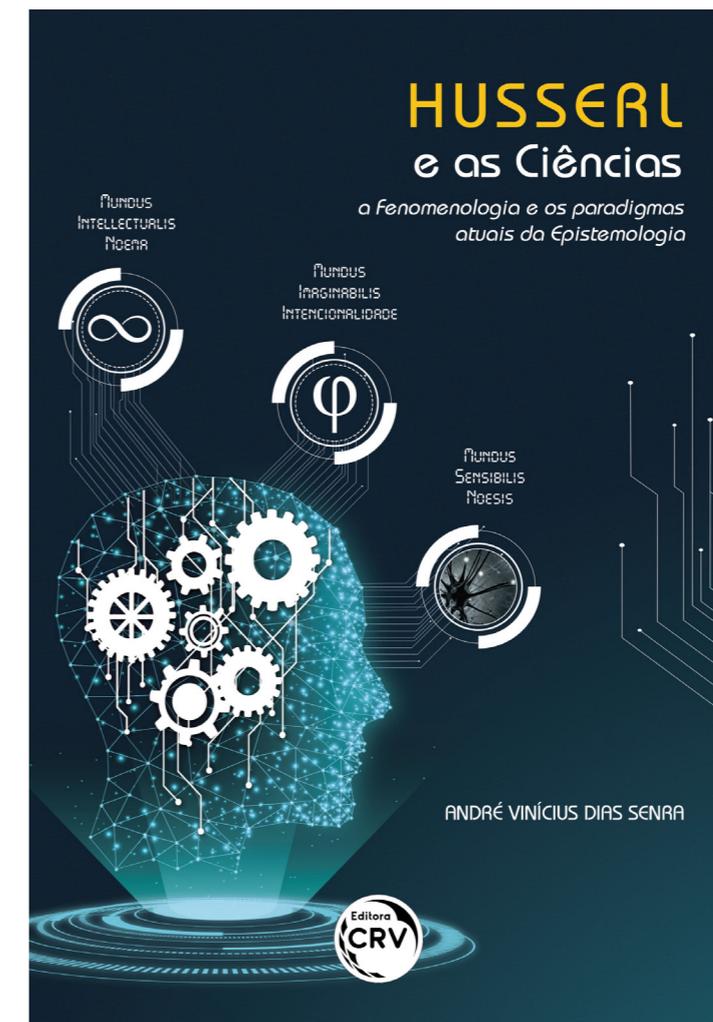
## FENOMENOLOGIA, CIÊNCIA E EPISTEMOLOGIA

Rafael Bastos Ferreira<sup>1</sup>

SENRA, André Vinícius Dias. **Husserl e as ciências**: a fenomenologia e os paradigmas atuais da epistemologia. Curitiba: CRV, 2020. ISBN: 978-85-444-4025-4

A fenomenologia transcendental de Edmund Husserl (1889-1938) não só abriu novos horizontes à filosofia contemporânea, como tem contribuído, decisivamente, aos vários campos disciplinares científicos. A sociologia fenomenológica de Alfred Schutz (1899-1959) é um exemplo deste empreendimento que emerge no século passado. Podemos considerar, igualmente, os importantes estudos que a tradição da geografia humanista – de base fenomenológica – ofereceu em meados dos anos 1970 e 1980. A crítica ao positivismo científico e a necessidade de um retorno ao mundo-da-vida (*Lebenswelt*), demonstrou a estes geógrafos o papel renovador da fenomenologia de Husserl no espírito científico. Com efeito, o horizonte de uma teoria crítica do conhecimento e epistemológico tem feito da

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará. rafaelbastos.rbf@gmail.com.  
✉ Rodovia Augusto Meira Filho, 14, Chapéu Virado, Belém, PA. 66923-120.



Fenomenologia, ciência e epistemologia  
Rafael Bastos Ferreira

fenomenologia na contemporaneidade uma filosofia atual e perene para as possibilidades de um fazer científico para além das amarras do objetivismo e naturalismo.

O Prof. Dr. André Vinícius Dias Senra, Graduado em Filosofia (UERJ), Mestre em Filosofia (PUC-Rio) e Doutor em História e Filosofia da Ciência (UFRJ), dedicado aos problemas da Teoria do conhecimento, História e Filosofia da ciência e Epistemologia das ciências nos convida a uma reflexão e diálogo sobre o papel da fenomenologia para as demandas da razão técnica e naturalistas deste século. Tão importantes às investigações fenomenológicas do século passado, a crítica ao naturalismo ainda se apresenta como uma pergunta necessária para os dias atuais.

Esta evidência introdutória posta por André Senra não só convida o leitor a uma atualização crítica sobre o tema como julgar pertinente o caminho de resposta pela própria matriz crítica-originária: a fenomenologia de Husserl. Certamente, esta escolha não é óbvia, isto é, em detrimento da própria fenomenologia de Husserl já apresentar suas considerações. O atual cenário científico e filosófico tem mostrado que o avanço do objetivismo e do naturalismo não tem sido tema de interesse no que tange pensar os problemas da teoria do conhecimento. A fenomenologia de Husserl, conforme pontua André Senra, pode oferecer uma atualização dos métodos epistêmicos em detrimento de uma **epistemologia naturalizada** que emerge a partir, especialmente, da Modernidade.

No entanto, o autor defende a tese que o método fenomenológico só teria sucesso se o debate epistemológico fosse genuinamente filosófico. Esta é a condição de possibilidade deste empreendimento, pois, caso ao contrário, o naturalismo é reafirmado.

Visando recuperar e atualizar questões fenomenológicas, André Senra lembra que Husserl pretendia que a fenomenologia fosse uma ciência filosófica que buscasse esclarecer o próprio conhecimento científico. Levando a cabo este interesse, a obra nos provoca a pensar: qual seria a finalidade da fenomenologia para as humanidades na contemporaneidade? Sua potência consistiria, segundo desenvolve o autor, em ressignificar a epistemologia contemporânea, renovar a racionalidade científica e fazer emergir o mundo-da-vida (*Lebenswelt*) como base axiológica. Pensar a adequação para a fundamentação do conhecimento, problematizado na introdução do livro, é o rigor posto pela obra: assim, ela nos convida para os três capítulos a seguir.

Especialmente, em "*Die Krisis der Europäischen Wissenschaften und die Transzendente Phänomenologie*" de 1936, Husserl acentua a denúncia no que tange a uma crise da razão. Para André Senra as consequências são problemáticas em detrimento do avanço do relativismo moral, niilismos, repostas pragmáticas etc. Por outro lado, isso vai significar uma espécie de **cosmovisão contemporânea** que tende a admitir o fim das coisas: a morte de Deus, o fim da filosofia, o fim da arte, o fim das utopias, o fim do sujeito, conforme pontua o autor.

Certamente, o diagnóstico mais problemático, com razão observa Senra, é a falência da ética para o agir. Lembramos quão fundamental tem sido a ética desde os Gregos até, por exemplo, os estudos fenomenológicos de Emmanuel Lévinas e suas pretensões de uma ética como filosofia primeira. Se a crise da razão é uma crise de sentido e, sobretudo, do mundo dos valores, André Senra sugere: a fenomenologia busca a sua recuperação. Aprofundando o seu panorama filosófico no primeiro capítulo, Senra entende que a guinada material determinista, de orientação pragmática – do conhecimento contemporâneo – conduziu a orientações autoritárias e nos levaram a duas Guerras Mundiais.

Esta perda de orientação tem pressupostos históricos: o abandono em revisitar os fundamentos, a negação dos problemas do Esclarecimento (*Aufklärung*) e, sobretudo, deixar de tomar a consciência como caminho para a razão humana. Como o último “filósofo da consciência”, se assim podemos considerar Edmund Husserl, para André Senra a fenomenologia cumpriria a tarefa epistemológica e filosófica de fundamento da razão em nossa época.

Este diagnóstico nos revela que a afirmação de bases naturalistas ou mesmo materialistas tem nos conduzido a uma relatividade dos valores. Dito isto, o autor nos convida a pensar um tema tão problemático em nossos dias: o caráter de **Verdade**, que outrora se encontrava em uma ordem ontológica, sob uma investigação profunda, na contemporaneidade vê-se rebaixada a meros interesses: no mundo das opiniões (*Doxa*). Talvez seja esta uma das principais doenças que o nosso tempo tem vivido: o relativismo de toda ordem e a Verdade submissa às opiniões. A razão prática do conhecimento contemporâneo teria negado a própria razão como Esclarecimento para se tornar instrumental, como podemos observar nos dois volumes da “*Theorie des Kommunikativen Handelns*” de Habermas. É nesse sentido, que a obra reforça o papel da fenomenologia enquanto uma crítica da razão e do naturalismo, pois questiona novamente as questões últimas ou universais sobre o conhecimento. A partir destas evidências, uma pergunta é necessária: qual é o papel da filosofia nesta crise? Em diálogo com Platão, o autor vai pontuar algumas heranças dualistas que de algum modo contribuíram para os nossos problemas atuais: objetividade e subjetividade, teoria e prática, mente e corpo, inteligível e sensível.

No segundo capítulo o autor adensa às dificuldades filosófica em relação à cientificidade e o papel da fenomenologia de Husserl neste contexto. A função da filosofia como ciência de rigor (*Philosophie als strenge Wissenschaft*) sob o aporte fenomenológico, a lógica como ferramenta de compreensão de formação do intelecto pode oferecer credenciais para uma nova reorientação, pois a **epistemologia naturalizada** dispensa o problema da fundação. Para estas, o mundo da atitude natural não seria um problema: para a fenomenologia sim, pois ela suspende. A realidade é epistêmica e não ontológica, argumenta André Senra. O **mundo como problema**, é um dos grandes convites que a fenomenologia faz. Já no terceiro capítulo, à mão de um dos mais importantes dualismos que tradição nos

Fenomenologia, ciência e epistemologia  
Rafael Bastos Ferreira

deixou e a Modernidade não resolveu, Senra reflete sobre a Neurociência como um exemplo de conhecimento contemporâneo que mesmo dedicada ao problema da mente não tem dado conta de ultrapassar este dualismo e o naturalismo. Devido a uma epistemologia naturalizada, pontua o autor, a mente passa a tomar forma de cérebro como extensão do corpo visando diluir o dualismo. No entanto, tem-se perdido tanto os problemas fundamentais da mente como da consciência. E mais importante vai considerar Senra: nesse sentido, não haveria a busca pelo sujeito. Se perderia igualmente ou em consequência: o conhecimento, a intersubjetividade e o Esclarecimento para a razão. O diagnóstico: a Neurociência não ultrapassou a atitude natural e, por isso, não há consciência e nem teorias sobre sujeito. **Epistemologia naturalizada é epistemologia sem sujeito** (p. 133). André Senra, portanto, vai considerar que o problema da consciência na fenomenologia de Husserl e seus conceitos operatórios, como *epoché* e intencionalidade tem potencial em oferecer uma resposta aos velhos/novos dualismos: mente-corpo, subjetivo-objetivo, racionalismo-empirismo, teoria-prática. A razão prática teria também nos conduzido a uma separação entre Natureza e Espírito, tal como, excluindo a subjetividade, considerando apenas a realidade fática.

Voltamos à fenomenologia da crise sobre a importância fundamental do retorno ao mundo-da-vida (*Lebenswelt*). Nele, pontua Senra, o sujeito deixa de ser uma mera construção lógica para se tornar base de reflexão ética e axiológica. Pelo exercício da *epoché*, o sujeito reconstituiria seus valores: um retorno ao seu solo, sua formação e historicidade. A *epoché* não é uma negação do sujeito ou do mundo; ela nada tira, as põe. O mundo-da-vida, nos faz refletir Senra, conduz o reencontro entre Ciência e Vida. O seu desvio seria a própria morte da vida. Por fim, uma pergunta que inquieta todo o fenomenólogo husserliano: pode a fenomenologia transcendental oferecer base para as ciências da atitude natural? André Senra nos dá a pensar em sua obra: a fenomenologia oferece tanto à filosofia como à ciência natural um novo caminho epistemológico. ☉